

Dossiê: Antropologia e fotografia: experimentações e etnografias



Olhares nativos: etnografando o II Encontro Quilombola em Pratigi-BA

Native perspectives: ethnographing the 2nd
Quilombola Meeting in Pratigi-BA

Perspectivas nativas: etnografiando el 2º
Encuentro Quilombola en Pratigi-BA

Fábio Júnior da Luz Barros
Universidade Federal do Sul da Bahia
fabiodebarros02@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-9766-4879>

Apresentação

Essas fotos foram feitas no II Encontro Estadual Quilombola, o qual teve como tema: fazendo memória das nossas raízes e fortalecendo a luta em defesa do território. Na ocasião, foram discutidos temas ligados ao meio ambiente e o social. Este encontro foi promovido pelo Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP)¹ em janeiro de 2020, no quilombo do Pratigi, localizado no município de Camamu, Baixo Sul da Bahia. O objetivo do presente ensaio é mostrar, através das fotografias, as atuais problemáticas encontradas no quilombo. Neste encontro estiveram presentes 15 comunidades quilombolas de todo o estado da Bahia.

O *locus* da presente pesquisa foi o quilombo do Pratigi, comunidade que sou nativo, logo, os meus parentes foram também meus interlocutores, visto que sou bisneto de Maria dos Santos e Anjo Barros, tidos como os ancestrais fundadores do Pratigi. Como nativo e pesquisador, participei de todos os processos organizativos do evento: anotando, fotografando e coletando dados para escrita da minha dissertação² (BARROS, 2021). Porém, em 2022, nasceu a ideia de publicar as imagens elaboradas durante a pesquisa, sobretudo a respeito desse encontro, pois elas mostram a luta quilombola pelo seu território.

As fotografias expostas neste ensaio foram feitas por mim em companhia de mais dois quilombolas, Barros e Silva. Utilizamos um *smartphone Redmi Note 7*, que faz uso da tecnologia *Samsung* de câmeras, cujo sensor é o S5KGM1. Os ajustes foram realizados com o editor *Adobe Photoshop*.

A câmera, segundo Sandra Maria Lacerda Campos (1996, p. 276), “torna-se um instrumento de grande potencial de pesquisa, fundando, entre outros aspectos, uma nova metodologia de análise dos fenômenos culturais”. Para John Collier Júnior (1973, p. 6), ela serve como “instrumento que contribui como um fator de controle para a observação visual”. Esse controle está baseado em um registro mecânico que podemos sempre recorrer quando necessário. Nessa perspectiva, segundo Fabiene Gama (2020), a antropologia visual se ocupa, sobretudo, de questões éticas, interpessoais e de representações sociais.

¹ O Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP) é uma pastoral social ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

² A dissertação teve como temática a formação de uma comunidade quilombola desde a chegada dos fundadores até os dias atuais.

Partindo desses pressupostos, Ana Clara Damásio dos Santos (2020) argumenta que as fotografias acionam um contexto de imagens e concepções. Desse modo, “em toda vida moderna se percebe o efeito da fotografia como um aspecto da realidade” (COLLIER JÚNIOR, 1973, p. 6), que serve, principalmente, para registrar momentos e fatos caóticos, de denúncia ou felizes, mas que também pode ser analisado antropologicamente.

As fotografias aqui expostas mostram, sobretudo, como a mineração de areia³ está devastando o território do Pratigi e como isso serviu para aproximar as comunidades etnicamente iguais nas discussões territoriais. Esses encontros se tornaram vitais, pois, além de colocar em pauta os problemas sócioterritoriais, também reafirmam os laços de solidariedade entre comunidades (LIMA FILHO; CARDOSO; ALENCAR, 2018).

³ Não citarei nomes de empresas para me preservar político, social e fisicamente.



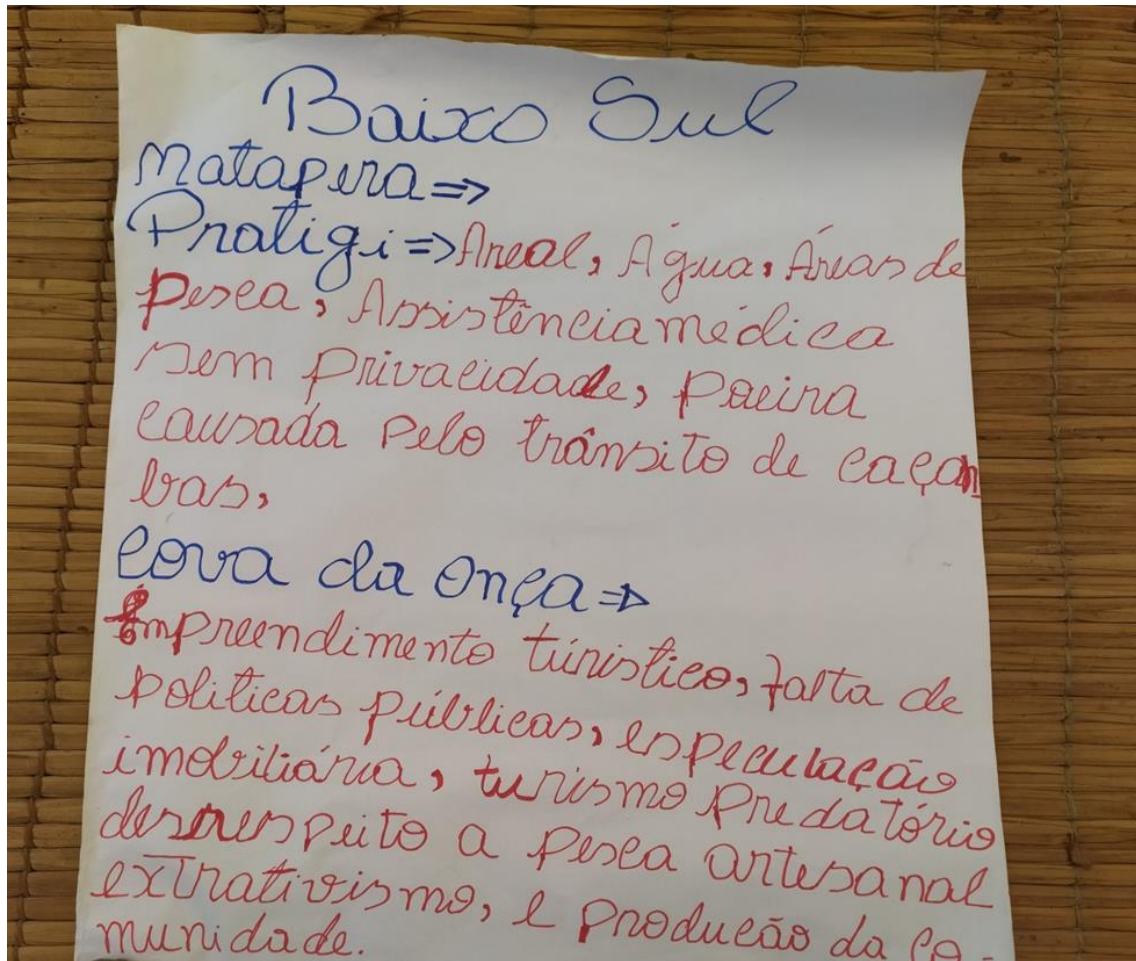
1. Recepcionando as comunidades no quilombo do Pratigi.

Momento de apresentações das 15 comunidades que participaram do encontro. Foto: Silva (01/2020).



2. Josefa Barros falando sobre o processo de povoamento do Pratigi.

Josefa Barros comunicando às outras comunidades como ocorreu o processo do povoamento e certificação do quilombo do Pratigi. Segundo ela, foram Maria dos Santos e seus dois filhos chamados Anjo e Felipe Barros que fundaram a comunidade em 1908. Em 2008, a comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como quilombo. Foto: Fábio Barros (01/2020).



3. Pauta da comunidade quilombola do Pratigi para o encontro.

Pautas debatidas durante o encontro que geraram um documento assinado por todas as comunidades para que a associação quilombola do Pratigi reivindique os direitos nas instituições competentes. Foto: Fábio Barros (01/2020).



4. Visita das comunidades a um areal no território quilombola.

Lideranças das comunidades olhando a cratera que a empresa X está fazendo nas terras quilombolas. Segundo os moradores, esse areal está assoreando o rio, o manguezal e secando minadores de água da comunidade. Esse tipo de mineração coloca a sobrevivência dos quilombolas em cheque, já que afeta pontos fundamentais da comunidade, como os citados acima. Foto: Fábio Barros (01/2020).



5. Visita das comunidades a um areal no território quilombola.

Visita das comunidades a uma moradora do Pratigi. Segundo alguns relatos, ela estava sofrendo pressão para vender suas terras a uma das mineradoras que desejava ampliar a extração de areia no local. Mas ela resistiu e, até hoje, vive em suas terras. Foto: Fábio Barros (01/2020).



6. Aurelino falando sobre o assoreamento dos rios.

Aurelino Barros é pescador e estava falando sobre o assoreamento do rio, do mangue e as dificuldades na pescaria no quilombo. Uma das consequências é o “sumiço” dos peixes devido ao rio estar ficando mais raso. Foto: Fábio Barros (01/2020).



7. Moradora fazendo os diagnósticos dos problemas sócio territoriais do Pratigi.

Marisa Barros é enfermeira e estava fazendo uma análise a respeito da intensa movimentação de carros e máquinas que poderiam acarretar em atropelamentos na área. Marisa também citou como problemas a poeira que poderia aumentar os índices de doenças respiratórias, além da seca dos minadores de água e do desmatamento para extração de areia. Foto: Fábio Barros (01/2020).



8. Momento de confraternização e despedida.

Momento de confraternização e encerramento do encontro. Nesta confraternização ficou acertado quando e onde seria o próximo evento. Foto: Fábio Barros (01/2020).

Referências

BARROS, Fábio Júnior da Luz. *Memória, festa de Santo, território e alianças políticas: uma etnografia do quilombo do Pratagi (BA)*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade) — Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2021.

CAMPOS, Sandra Maria Lacerda. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de antropologia visual. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 6, p. 275–286, 1996.

LIMA FILHO, Petrônio Medeiros; CARDOSO, Luís Fernando; ALENCAR, Edna. Festas de santo, território e alianças políticas entre comunidades quilombolas de Salvaterra, Marajó, Pará, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 13, n. 1, p. 109–128, 2018.

GAMA, Fabiene. Antropologia e Fotografia no Brasil: O início de uma história (1840–1970). *GIS - Gesto, Imagem e Som*, São Paulo, v. 5, n.1, p. 82–113, 2020.

COLLIER JÚNIOR, John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA, 1973.

SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio dos. Entre parentes e lembranças: considerações etnográficas sobre o tomar de conta em meio ao curso de vida em Canto do Buriti-PI. *Equatorial*, Natal, v. 7, n. 13, p. 1–11, 2020.

Recebido em 27 de dezembro de 2022.

Aceito em 12 de abril de 2023.